



Repositório Institucional UNESP

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 09/04/2028.

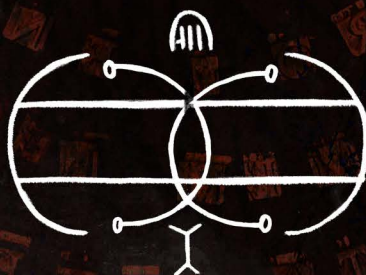
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE ARTES - UNESP

DIOGO NOGUEIRA SILVA



CORPO ENCANTO

AFROCENTRICIDADE E POÉTICAS DO HOMEM NEGRO
PARA INVOCAR HUMANIDADES



SÃO PAULO - SP
2026

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE ARTES - UNESP**

DIOGO NOGUEIRA SILVA

CORPO ENCANTO:
AFROCENTRICIDADE E POÉTICAS DO HOMEM NEGRO PARA INVOCAR
HUMANIDADES

São Paulo - SP
2026

DIOGO NOGUEIRA SILVA

CORPO ENCANTO:
AFROCENTRICIDADE E POÉTICAS DO HOMEM NEGRO PARA INVOCAR
HUMANIDADES

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Processos e Procedimentos Artísticos - Artes Visuais.

Orientador da Prof.^a Dr.^a Priscila Leonel de Medeiros Pereira.

São Paulo - SP
2026

DEDICATÓRIA

A Exu, Ogum, Oxóssi e aos ancestrais que me deram o chão,
À minha avó Rosa Maria e aos meus pais, Cícero e Regina,
À minha esposa, Caroline.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus ancestrais, a memória dos meus avós, Eufrosino, Maria, Alberto e em especial Rosa Maria, que fez sua passagem em um triste dia 13 do ano passado, deixando seu legado de perseverança, honestidade e amor para todos nós. À minha família, e aos meus pais, Cícero e Regina, foi pelo cuidado, trabalho contínuo, conselhos e direcionamento de vocês que cheguei até aqui. À minha esposa, Caroline, pela presença e apoio cotidiano, escuta e motivação nos momentos de incerteza que atravessaram o percurso desta pesquisa.

À minha Orientadora, Prof.^a. Dr.^a Priscila Leonel de Medeiros, pela condução rigorosa, leituras atentas, perguntas, cartografias, conselhos e à apresentação de um olhar singular para a argila, e como ela nos desperta para um tempo Amô. Sua orientação foi fundamental na produção de um conhecimento com densidade teórica e coerência metodológica. Aos professores que compuseram minha banca de qualificação, Prof. Dr. Juarez Xavier e Prof. Dr. Renato Almeida, pois suas leituras e devolutivas deram vida e renovação de forças para a conclusão dessa escrita, retiraram nuvens do meu olhar e fizeram mirar o horizonte com mais propósito. Sendo, além de tudo, uma reunião de pesquisadores da Zona Leste de São Paulo.

Ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual Paulista, ao Instituto de Artes da UNESP e aos docentes que foram fundamentais na minha formação no mestrado.

Às minhas colegas de batalha do ensino público que me motivaram a fazer o mestrado Xica Lima e Sarah Nhambiquara, com quem aprendi muito e sempre estiveram nas trincheiras de uma educação para nutrir e libertar mente e corpo das crianças. À Prof.^a Dr.^a Clarissa Suzuki, pelos conselhos, risadas e generosidade. Ao Prof. André Fernandes pela leitura e conselhos de escrita.

Agradeço também ao Grupo de Pesquisa Egungun e aos grupo de estudo NUPED - UFVJM (Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão sobre Diáspora Africana) em especial a Prof.^a Dr.^a Adna C. de Paula, NUPE-IA, LACUNA e POPAV. Com quem compartilhei muitas das inquietações que a pesquisa trazia, possibilitando construir um pensamento no coletivo.

Ao Museu afro Brasil e a Biblioteca Carolina Maria de Jesus. Ao Prof. Claudinei Roberto, um mentor gentil e generoso, aos artistas negros que abriam caminhos antes de mim em especial Rosana Paulino, Renata Felinto e também às materialidades que possibilitam encantos, como o barro, velas, ervas, dendê e pamba.

RESUMO

Nesta pesquisa investigo o ser artista negro a partir dos meus processos de criação e do diálogo com a produção de outros artistas afro-diaspóricos. Interesse-me em compreender de que modo o *tornar-se negro* incide sobre a produção, circulação e a leitura de produção artística afro-diaspórica dentro das fronteiras do sistema da arte no Brasil, que é regido por valores da branquitude, pelo ideal de artista universal e pela tradição da história da arte ocidental. A investigação se desenvolve por meio da articulação entre biografia, contextos históricos, exposições e análise de obras, tomando a prática artística como campo de elaboração crítica sobre o próprio fazer. No plano epistemológico, adoto o paradigma da Afrocentricidade e a Afromografia, que recentra epistemes africanas como fundamento de análise da experiência negra no continente e fora dele. O objetivo da pesquisa é produzir desenhos, objetos e instalações orientadas por conceitos como Ubuntu, Sankofa e Encanto, enquanto operadores éticos e poéticos nos processos de criação e apresentação das obras. Como resultado, além da experimentação de materiais como argila, parafina e sisal, desenvolvo a série de trabalhos intitulada *Macumbações*, na qual me aproprio de objetos, ervas e substâncias vinculadas a cosmo percepções Yoruba, Bakongo e Fon. Investigando também, a masculinidade negra, o corpo e as possibilidades de humanização coletiva por meio da prática artística. Nesse percurso, a ritualização dos processos de criação posiciona as obras no limiar entre a captura institucional e a fabulação de futuros, afirmando uma arte da afro-diáspora como horizonte de produção e leitura de outros modos de existência.

Palavras-chave: pesquisa em arte contemporânea; afrocentricidade; processos de criação; corpo negro; afro-diáspora brasileira.

ABSTRACT

In this research, I investigate what it means to be a black artist through my own creative processes and dialogue with the work of other Afro-diasporic artists. I seek to understand how the process of becoming black shapes the production, circulation, and reception of Afro-diasporic artistic practices within the boundaries of the art system in Brazil, a system historically governed by whiteness, the ideal of the universal artist, and the tradition of Western art history. The investigation unfolds through the articulation of biography, historical contexts, exhibitions, and artwork analysis, taking artistic practice itself as a field for critical elaboration on one's own making. At the epistemological level, I adopt the Afrocentricity paradigm and Afronography, which recenters African epistemes as the foundation for analyzing Black experience on the continent and beyond. The objective of the research is to produce drawings, objects, and installations guided by concepts such as Ubuntu, Sankofa and *Encanto*, as ethical and poetic operators within the processes of creation and presentation of the works. As a result, alongside experimentation with materials such as clay, paraffin, and sisal, I develop a series of work entitled *Macumbações*, in which I appropriate objects, herbs, and substances linked to Yoruba, Bakongo and Fon cosmoperceptions. The research also investigates Black masculinity, the body, and the possibilities of collective humanization through artistic practice. Along this trajectory, the ritualization of creative processes positions the works at the threshold between institutional capture and the fabulation of futures, affirming afro-diasporic art as a horizon for the production and interpretation of other modes of existence.

Keywords: contemporary art research; afrocentricity; creative processes; black body; Brazilian afro-diaspora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - 13 Preto e Vermelho, 2013. Autorretratos digitais.	20
Figura 2 - Se não hoje, quando? II, 2024, Série Macumbações. Pemba, terra, pipoca, PVC, latão, papel, cerâmica, sisal e búzios. 25 × 90 × 90 cm. 58º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba, Piracicaba, SP.	31
Figura 3 - Detalhe da instalação Se não hoje, quando? II, 2024.	32
Figura 4 - Páginas do caderno Imagens Vestígio I, 2008–2010. Marcadores e nanquim sobre papel Color Plus Sahara. 21 × 27,9 cm.	38
Figura 5 - Intenção 1 e 2, 2002–2004. Grafite e lápis de cor sobre papel. 42 × 59,4 cm.	39
Figura 6 - Página 10 do caderno Linhas Encruzadas, 2006–2007. Lápis de cor vermelho e nanquim sobre papel reciclato. 21 × 14,8 cm.	41
Figura 7 - Registro da banca de graduação, com telas da série De onde os medos crescem ao fundo, 2009. Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP.	42
Figura 8 - Alberto Gomes Nogueira e Rosa Maria de Moura Nogueira, avós maternos do autor.	49
Figura 9 - Página de álbum de família, com anotações de minha mãe Regina, sobre Tia Tereza, rezadeira.	50
Figura 10 - Cicero, meu pai e eu na festa de formatura do ensino médio.	53
Figura 11 - Eufrosino Candido da Silva e Maria José da Silva, avós paternos do autor.	54
Figura 12 - Registro de minha avó Maria com meu irmão Thiago no colo e Vó Rosa ao fundo, em Campos dos Goytacazes.	55
Figura 13 - Vista da mostra “De onde os medos ganham força”, 2016. Diogo Nogue. Centro cultural Patrícia Galvão, Santos -SP.	57
Figura 14 - Linda do Rosário, Adriana Varejão, 2004. Óleo sobre alumínio e poliuretano, 195 × 800 × 25 cm.	64
Figura 15 - Jean-Michel Basquiat em seu ateliê, década de 1980.	66
Figura 16 - Dia desses vão te esquecer, Série Quem Matou Basquiat? 2020. Diogo Nogue, acrílica sobre papel. 42 x 29,7 cm.	69
Figura 17 - Assentamento, Rosana Paulino, 2013. Técnica mista, 180 × 63 cm. Centro Cultural Caixa Cultural São Paulo.	70
Figura 18 - Visita com grupo do POPAV ao Quilombaque, 2023.	74
Figura 19 - Artistas na abertura de “Encanto: Artevivência da Afro-diáspora”, 2023.	75
Figura 20 - Mesa de alimentos apresentada por Katia Souza na abertura, 2023.	77
Figura 21 - Vista da mostra Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira, à esquerda litografias de Octávio Araújo, ao lado da série “Desconversando o Eu”. 2023.	78
Figura 22 - Abertura da Exposição Fazer Faz Corpo - da esquerda para a direita Ana Freitas, Eduardo Balcázar, Diogo Nogue e os curadores André Aureliano e Renato Almeida. 2023.	80
Figura 23 - Da esquerda para a direita, minha tia Ana Nísia, minha avó Rosa e minha mãe Regina. Natal de 2018.	81
Figura 24 - Arruda, série Herbário do cuidar, vingar e refazer, 2024 - Diogo Nogue. Marcadores sobre panos de prato - crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia. - 70x37 cm.	82
Figura 25 - Série Herbário do cuidar, vingar e refazer, 2024. Diogo Nogue. - Vista da exposição “Fazer faz corpo” Galeria Quarta Parede, São Paulo - SP.	83
Figura 26 - Tríptico Corpo em Desencanto, 2024. Óleo sobre tela. 2 e 3 40x30 cm; tela 2 41 x 20 cm.	84
Figura 27 - Vista da mostra “À Beira da metamorfose”, 2024. Galeria de Arte “Alcindo Moreira Filho” Instituto de Artes - UNESP - São Paulo-SP.	85
Figura 28 - <i>Composição II - Casas ao longe (Oya - Uruçu - Ina Aye)</i> , 2025, Montagem na exposição Negra arte Sacra - Axé Ilê Obá.	86

Figura 29 - Matéria publicada no jornal Gazeta da Noite com referência ao exame e à controvérsia envolvendo Estevão Roberto da Silva na Academia Imperial de Belas Artes na terceira coluna.	107
Figura 30 - Menino com melancia, Estevão Silva, 1889. Óleo sobre tela, 53,5 × 71 cm.	109
Figura 31 - Natureza-morta. Estevão Roberto da Silva. Óleo sobre tela. 50 × 62 cm.	111
Figura 32 - Lúcio, 1906. Artur Timóteo da Costa. Óleo sobre tela, 47 × 58 cm.	116
Figura 33 - Sem título, 1927. João Timótheo da Costa. Dimensões: 74,6 × 63 × 7 cm.	117
Figura 34 - Arthur Timótheo da Costa. Autorretrato, 1919. Óleo sobre tela, 86 × 79 cm. ...	121
Figura 35 - Rodolfo Amoedo. Retrato de João Timótheo da Costa, 1908. Óleo sobre madeira, 49,5 × 29,7 cm.	123
Figura 36 - A Redenção de Cam. 1895, Modesto Brocos. Tinta a óleo sobre tela. 199 x 166 cm.	124
Figura 37 - Série Bastidores, 1997, de Rosana Paulino. Fotocópia transferida sobre tecido, bastidor de madeira e linha de costura, Ø 30 cm cada.	128
Figura 38 - Isabel Mendes da Cunha - Sem título, 2009 Cerâmica policromada, 82 x 33 x 23 cm.	132
Figura 39 - Retrato de Mestre Didi, 2007 com suas obras ao fundo	137
Figura 40 - Anúncio de divulgação contendo a programação de abertura da exposição.	149
Figura 41 - Encontro com os artistas participantes da exposição “A nova mão afro-brasileira” dia 20 de novembro, 2013 no Museu Afro Brasil	150
Figura 42 - Ato, Série Torções de Sônia Gomes e a artista em frente a sua obra	151
Figura 43 - Obras de Maria Lídia Magliani em área em homenagem à artista.	152
Figura 44 - Página Cubo Preto na rede social Facebook. 2013.....	153
Figura 45 - Vistas da mostra A nova mão afro-brasileira, obras de Moisés Patrício, Renato Matos, Izidorio Cavalcanti, Heberth Sobral e Advânio Lessa.	154
Figura 46 - Manifestação 1, 2013. Heberth Sobral. Ampliação fotográfica 63,5 x 93,5 cm. Acervo Museu Afro Brasil	155
Figura 47 - Herança - Projeto Diáspora 1, 2 e 3, 2013 - Fotogravura e pochoir 54 x 39 cm col. do artista - Lippe Muniz sobrepõem imagens de pessoas negras tiradas pelo fotógrafo Albert Henschel com elementos geométricos.....	156
Figura 48 - Herança - Projeto Diáspora 1, 2 e 3, 2013 - Fotogravura e pochoir 54 x 39 cm col. do artista - Lippe Muniz sobrepõem imagens de pessoas negras tiradas pelo fotógrafo Albert Henschel com elementos geométricos.....	157
Figura 49 - Vistas da exposição - Rener Rema (à esquerda cima), Marcos Dutra e Eustáquio Neves (à esquerda baixo), Arjan Martins (à direita cima), Anderson Santos (à direita em baixo)	159
Figura 50 - Vistas da mostra com pinturas Mãe e Filho e Irmãos e Lili, 2013. Claudinei Roberto da Silva. Óleo sobre tela, 160 x 160 cm	160
Figura 51 - TIBÉRIO, Wilson. Sem título. 1943 - 2005. Óleo sobre tela, 96 × 79 × 4,5 cm (com moldura).	168
Figura 52 - Desvario de um iconoclasta, 1974. Octávio Araújo, óleo sobre tela, 41 x 33 cm.	171
Figura 53 - Iemanjá, Rainha do Mar, 1972. Otávio Araújo. Litografia. Ácido e lápis sobre papel. 50 × 65 cm.	172
Figura 54 - Caranguejo, da série Mangue, 2023. Grafite, acrílica e pigmento natural sobre tela. 267 × 559 cm.	178
Figura 55 - Incômodo, 2014. Sidney Amaral. Aquarela, guache, lápis de cor e tinta de caneta permanente sobre papel.	186
Figura 56 - Ela tinha sonhos, mas quem vive deles? Série De onde os medos crescem, 2009. Diogo Nogue, técnica mista sobre algodão preparado. 150 x 100 cm	190

Figura 57 - Desconversando o Eu, 2020. Óleo sobre algodão. 150 × 200 cm.	192
Figura 58 - Eu sou o que fizeram de mim? 2013–2020. Nanquim e marcador sobre papel. 70 × 70 cm.	193
Figura 59 - Em-passe-de-negação – Desconversando o Eu, 2023. Carvão sobre papel. 103 × 31 cm.	194
Figura 60 - <i>Em-passe-de-negação – Desconversando o Eu</i> , 2023. Carvão sobre papel. 107 × 31 cm.	195
Figura 61 - Corpo Encanto – série Quem matou Basquiat?, 2022. Acrílica, marcadores, tinta PVA, grafite, colagem e lápis de cor sobre algodão preparado com bastidor de lança de ferro. 139 × 180 cm.	196
Figura 62 - Desenhos da série Quem matou Basquiat? utilizados como referência para a criação de uma montagem digital que serviu de base para pintura, 2022.....	198
Figura 63 - Detalhe da obra Corpo Encanto, 2022.....	199
Figura 64 - Detalhe da obra Corpo Encanto, 2022.....	200
Figura 65 - Chico Rei, 2020. Dalton Paula. Óleo e folha de ouro sobre tela. 61 × 45 cm.	204
Figura 66 - Vista da instalação Composição I - Uruçu, Águas de Yemanjá, Adupé - Série Macumbações, 2023. Diogo Nogue. Objetos comprados em lojas de artigos religiosos afro ao redor do centro de cultura de Suzano	212
Figura 67 - (Detalhe) Composição I - Uruçu - Águas de Iemanjá - Adupé, 2023, Diogo Nogue, Instalação 250 x 250 x 250 cm	213
Figura 68 - Mapa ilustrando as localizações das lógicas na cidade de Suzano.....	214
Figura 69 - Montagem da instalação Composição I, 2023. Centro de Educação e Cultura Francisco Moriconi.....	215
Figura 70 - Vista da mostra “Encanto Artevivência da Afro-diáspora”, 2023. Centro Cultural Moriconi, Suzano - SP.....	216
Figura 71 - (Detalhe) Composição I - dois momentos da cabaça coberta por argila, na abertura e no fechamento da exposição. 2023.....	217
Figura 72 - Imagens de trabalhos anteriores que serviram de base para a criação da instalação Se não hoje, quando?, 2024.....	221
Figura 73 - Estudo inicial rápido de “Se não Hoje, Quando?” em caderno de anotações, 2024	222
Figura 74 - Se não Hoje, Quando? - Série Macumbações 2024. Diogo Nogue. Búzios, sisal, vidro, cerâmica, terra, papel, pipoca e plástico pvc, 70 x 50 x 70 cm.....	223
Figura 75 - Detalhe da faixa de Möbius planificada, com ilustrações e adinkras da obra Se não hoje, quando?, 2024.....	224
Figura 76 - Prints compilados de manchetes retiradas do Google.	225
Figura 77 – (detalhe) Se não Hoje, Quando? 2024. Diogo Nogue. Búzios, sisal, vidro, cerâmica, terra, papel, pipoca e plástico pvc, 70 x 50 x 70 cm.....	226
Figura 78 - Se não hoje, Quando? II - Série Macumbações, 2024. Diogo Nogue. Giz, Terra, pipoca, pvc, latão, papel, cerâmica, sisal, búzios. 25 x 70 x 70 cm. Exposição “Nas Horas Vagas” em 2025	227
Figura 79 - Encanto para Iwosan – série Herbário do cuidar, vingar e refazer/Macumbações, 2024–2025. Instalação. Marcadores sobre quartinha de cerâmica e panos de prato, alguidares, folhas, giz, ervas secas, fumo, água, aguardente, glicerina, mel e essência de ervas; crochês de Regina Lúcia e Ana Nísia. 250 × 80 × 150 cm.	227
Figura 80 - Anotações de símbolos Nsibidi, Ossaim e significados em Igbo, 2024.....	229
Figura 81 - Cosmograma Bakongo	231
Figura 82 - Cadernos de anotações e desenhos utilizados durante a pesquisa, 2023–2025..	235
Figura 83 - Cadernos de anotações e desenhos utilizados durante a pesquisa, 2023–2025..	236
Figura 84 - Estudos pensando a relação do corpo e o pote, 2024	237

Figura 85 - Anotações e referências sobre os usos rituais e culturais dos potes para além de suas utilidades práticas através dos estudos sobre arte e cerâmica no continente africano....	237
Figura 86 - Estudos de possíveis instalações pensando no acúmulo de objetos, corpo e potes, 2025	238
Figura 87 - Experimentos executados durante o primeiro ano de pesquisa de mestrado.....	239
Figura 88 - Estudo 1 - argila reciclada terracota, queima de biscoito em forno elétrico baixa e segunda queima em forno de Raku, 2024	241
Figura 89 - Estudo 2 - Queima em forno tradicional de tijolo e adobe, Joana de Barro, com acabamento obvara, 2024.	241
Figura 90 - Estudo 3 - peça inspirada em objetos do acervo do Museu Afro-brasil, queima de biscoito em forno elétrico, 2024	242
Figura 91 - Estudo 4 - pote de duas bocas em terracota queima em forno de papel, 2025 ...	243
Figura 92 - Modelagem de Estudo 5, partindo do pote para a caixa torácica estilizada, 2025	244
Figura 93 - Estudo 5 - peça queimada em alta, 2025	245
Figura 94 - Sonhei Sônia Livre, 2025. Foto performance e montagem digital. 100 x 150 cm. Exposição Indícios de Passagem Museu de Arte de Joinville - SC.....	253

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: RECOLHENDO O BARRO PRIMORDIAL	14
2 MODELANDO O ORI, OU NASCIMENTO ENTRE RUÍNAS: O HOMEM NEGRO DIANTE DO MUNDO E DA ARTE	17
2.1.ABRINDO CAMINHO: EXU, PRETO E VERMELHO E AS DOBRAS DO TEMPO	20
2.2.AFROCENTRICIDADE E AFRONOGRAFIA.....	24
2.3.LOCALIZAÇÃO AFROCENTRADA: SER AFRICANO, AFRO-DIASPÓRICO E NEGRO	25
2.3.1. Ser Africano como posição epistemológica.....	26
2.3.2. Ser afro-diaspórico como condição geográfica e histórica.....	26
2.3.3. Ser negro como posição política	27
2.3.4. Ser homem negro no Brasil.....	28
2.4. “SE NÃO HOJE, QUANDO? II” MOLDAR O INIMIGO E FABULAR O HOMEM: DOS ENSINAMENTOS DA TERRA ÀS NARRATIVAS COLONIAIS. .	30
2.4.1. Encantamento, gesto ritual e disputa no espaço expositivo	32
2.4.2. Caminhando na encruzilhada, ou rodeando as contradições	35
2.5. DAS IMAGENS VESTÍGIO A “QUEM MATOU BASQUIAT?”	38
2.5.1. Formação, técnica e busca por adequação	38
2.5.2. Imagens Vestígio e De onde os medos crescem	40
2.5.3. Referências ocidentais no deslocamento	44
2.5.4. Mitologia pessoal e reposicionamento do Orí	47
2.5.5. A influência do letramento racial em minha arte e docência	57
2.6. Arte como poder ou quem matou Basquiat?.....	62
2.7. EM BUSCA DA NASCENTE: POÉTICAS DE CURA E A FORMULAÇÃO DO CORPO ENCANTO	73
2.8.O ARTISTA UNIVERSAL, A SUPREMACIA OCIDENTAL E A BRANQUITUDE NO SISTEMA DA ARTE	88
3 SUTURAR E CURAR O CORPO: A TRAVESSIA DO TORNAR-SE NEGRO SOB REGIMES COLONIAIS DE MODELAGEM	94
3.1. O CORPO NEGRO COMO ARGILA EXPOSTA A FRATURAS.....	94
3.2. TORNAR-SE NEGRO E A RECONSTRUÇÃO DO ESPELHO DO ARTISTA. .	96
3.3. A HISTÓRIA DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NÃO É A HISTÓRIA DO ARTISTA AFRO-DIASPÓRICO	98
3.3.1. Palavras que moldam o “Real”	99
3.3.2. Arte, reconhecimento e a história da arte eurocêntrica	103
3.3.3. Estevão Roberto da Silva e o não reconhecimento no pré-abolição.....	105
3.3.4.A exclusão dos Irmãos Timótheo e Lima Barreto no início da República	114

3.3.5. Apagamento autoral e incorporação racializada no sistema artístico moderno brasileiro	126
3.3.6. Mulheres e Homens negros, modernismo e a objetificação da arte afro-brasileira	127
3.4. A CATEGORIA ARTE AFRO-BRASILEIRA E SEUS LIMITES	141
3.5. A NOVA MÃO-AFRO UM MARCO DE VIRADA	149
3.5.1. O texto curatorial da mostra	157
3.6. CORPO, NOMEAÇÃO E RUPTURA: DA DISPUTA INSTITUCIONAL DA ARTE AFRO-BRASILEIRA AO DESLOCAMENTO AFROCENTRADO.....	164
3.7.“NEGRO ARTISTA” OU “ARTISTA NEGRO”, DE WILSON TIBÉRIO AO AFRO-ENCANTO	167
3.7.1. Não existe brasilidade sem violação	175
3.7.2. A ruptura com o artista universal de Rosana Paulino e Sidney Amaral.....	178
4 FEITURAS E REENCANTOS PELO FOGO: AFRO-ENCANTO, BARRO E ÉTICA DO FAZER.....	188
4.1. GENEALOGIA, CORPO E ENCANTO: AFRO-ENCANTO EM FORMAÇÃO	189
4.1.1. Encanto, Ubuntu e Sankofa como éticas do fazer artístico.....	205
4.1.2. Composição I: matéria, cidade e ritual no espaço expositivo	209
4.1.3. Se não hoje, quando? - do ponto de couro à preparação para a queima do afro-encanto	219
4.2. DIÁLOGOS COM MPEMBA: APRENDIZADO COM O BARRO	230
4.2.1. O tempo da matéria e a ética do gesto	233
4.2.2. As respostas do fazer: desenhos e experimentos.....	235
4.2.3. Experimentos em argila: falha, transformação e limite	239
4.2.4. Fogo, queima e o imprevisível controlado	243
4.2.5. Corpo, vazio e sustentação da forma	244
4.3. MACUMBAÇÕES: DUPLA CONSCIENCIA E A QUEBRA DAS ESSÊNCIAS NA ENCRUZILHADA	246
4.4. REENCONTRAR A MÃE.....	254
4.5. ESBOÇOS DE UMA ARTE DA AFRO-DIÁSPORA.....	258
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU MERGULHO EM MUSONI.....	260
REFERÊNCIAS	264
ANEXO A - CARTA ABERTA PARA INHOTIM	279
ANEXO B - RESPOSTA DO INSTITUTO INHOTIM	284

1 INTRODUÇÃO: RECOLHENDO O BARRO PRIMORDIAL

“Exu agitou a terra,
e o que estava escondido se revelou.”
adaptação de itan de Exu — tradição oral Yorubá

Durante esta pesquisa, mergulhei nas águas de culturas africanas em busca de outras formas de compreender o mundo. Águas de conhecimentos dos povos do ramo linguístico Bantu, Yorubá e Fon, que se mesclam e se reconstroem no território brasileiro. Caminhando no cruzamento entre o fazer artístico, o corpo e a história, investigo como é ser artista negro, os modos pelos quais minha existência, produção e masculinidade foram moldadas por mãos coloniais, para então identificar uma arte da afro-diáspora.

Nadei nos rios ancestrais em busca de resolver o problema que orienta esta pesquisa, ao reconhecer que o modo ocidental de organizar a realidade instrumentalizou a arte como dispositivo de legitimação da branquitude, produzindo imagens e conceitos de criação artística, liberdade e humanidade a partir de um espelho branco. Compreender os processos coloniais, pós-coloniais e contemporâneos que sustentam essa construção de realidade implica analisar como a arte participou da produção do negro como “outro”, imagem distorcida na organização social e iconográfica brasileira. Ainda que se observe, especialmente na última década, uma ampliação institucional da presença de artistas afro-diaspóricos no Brasil, essa abertura ocorre dentro de limites que cerceiam o fazer artístico negro a categorias restritivas, reiterando fraturas históricas produzidas pelo racismo, pelo patriarcado, colonialidade e o capitalismo.

A pesquisa se desenvolve a partir da arte como campo de investigação e disputa. Enquanto homem negro situado na periferia da zona leste de São Paulo, investigo as poéticas do corpo e da masculinidade racializada a partir de minha própria produção artística. Desde 2004, coleteo, reorganizo e produzo imagens por meio do desenho, da pintura e da escrita, percurso que, no presente estudo, se desdobra para o tridimensional, com a apropriação de objetos vinculados a matrizes africanas e experimentos na argila com a técnica do acordelado. Utilizando o fazer artístico como espaço de produção de conhecimento, no qual corpo, matéria e gesto agem de forma indissociável.

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver uma prática artística negra fundamentada em matrizes africanas como caminho para reorganizar modos de existência e fabulações de humanidade e futuro. A investigação articula minha trajetória, processos de criação e o diálogo crítico com produções de artistas afro, seus textos e exposições, buscando compreender de que

modo práticas orientadas por corpo, natureza, comunidade e ancestralidade podem revitalizar afluentes de criação no território da arte.

No campo epistemológico, adoto o paradigma da Afrocentricidade, conforme formulada por Molefi Kete Asante¹ e aprofundada por Ama Mazama², que tem como princípio a restituição de agência ao sujeito africano à partir da perspectiva centrada nas diversas culturas africanas. Como processo de análise e escrita utilizo a Afronografia, partindo das experiências pessoais e coletivas, do micro para o macro, reconhecendo memória, prática e a vida como formas legítimas de conhecimento e, enquanto pesquisador, implicado no mundo que investigo. Essa perspectiva orienta a análise tanto das obras de minha autoria quanto das produções artísticas e discursivas mobilizadas ao longo do percurso.

Esta investigação buscou focar no diálogo com autoras e autores das diásporas africanas e do continente, mas também correntes críticas da modernidade ocidental, especialmente aquelas que apontam as problemáticas das classificações de arte, branquitude e colonialidade e estrutura econômica vigente. A pesquisa abrange representações produzidas entre o século XIX, período de consolidação das teorias raciais, e o século XXI, marcado por disputas em torno da imagem, narrativas, da presença e da agência do artista negro no campo da arte contemporânea.

A dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo 1, “Modelando o orí, ou nascimento entre ruínas: o homem negro diante do mundo e da arte”, apresento minha localização afrocentrada, o problema estético e político da pesquisa que influenciaram minha formação e produção artística ao longo dos últimos quinze anos. O capítulo 2, “Suturar e curar o corpo: a travessia do tornar-se negro sob regimes coloniais de modelagem”, investigo como o racismo e o projeto de nação impôs leituras sobre nós, e como artistas tem lidado com essas imagens, analisando representações hegemônicas e seus efeitos sobre minha subjetividade. Por

¹ Molefi Kete Asante é intelectual da afro-diáspora estadunidense, professor da Temple University, onde formula o paradigma da Afrocentricidade como crítica com a historiografia eurocêntrica, os estudos africanos e afro-diaspóricos e os movimentos intelectuais e políticos negros nos Estados Unidos do pós-Direitos Civis. A Afrocentricidade propõe o recentramento dos povos africanos e afro-diaspóricos como sujeitos históricos e epistemológicos de suas próprias experiências, deslocando-os da posição de objeto de análise produzida por referenciais ocidentais. Nesse contexto, trata-se de um projeto epistemológico e político que reivindica critérios próprios de interpretação, valor e agência, articulando história, cultura, ética e produção de conhecimento a partir de matrizes africanas (Asante, 1987; 2009).

² Ama Mazama (Guadalupe, 1961), é doutora em Linguística pela Université Sorbonne Nouvelle (1987) e professora do Department of African American Studies da Temple University, nos Estados Unidos. Integra o núcleo teórico da Afrocentricidade, desenvolvida por Molefi Kete Asante, sendo uma das principais formuladoras e difusoras do paradigma em língua francesa e no contexto caribenho. Sua produção acadêmica concentra-se na fundamentação epistemológica da Afrocentricidade e em suas aplicações concretas nos campos da espiritualidade, da educação e da construção institucional africana e afro-diaspórica. Atua também como militante pan-africanista. Iniciada no vodu haitiano, exerce a função de mambo, articulando, em sua trajetória, produção intelectual, prática espiritual e engajamento político-cultural.

fim, o capítulo 3, “Feituras e reencantos pelo fogo: afro-encanto, barro e ética do fazer”, analiso as séries de trabalhos *Macumbações*, fundamentos cosmogônicos das matrizes Bakongo, Yorubá e Fon que informam meu processo criativo, articulando materiais, gestos, técnicas e obras desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Ao longo dos três capítulos, avalio se uma prática artística orientada por epistemologias africanas pode contribuir para a ampliação dos modos de existência e presença do homem negro no campo da arte contemporânea guiada por nosso próprio reflexo em um espelho negro, e se essa produção, guiada por esses princípios pode contribuir para a luta comunitária por direito a vida das pessoas negras no Brasil.

afrocentricidade permite que a produção artística se organize a partir de referenciais éticos, cosmológicos e políticos próprios, sem subordinação aos regimes eurocêtricos.

Ao adotar esse registro, a arte deixa de responder às demandas de legitimação externa e passa a atuar como prática de *recarrilhamento* ontológico, reposicionando o Ser negro em sua trajetória civilizatória e combatendo a produção estrutural de um não-futuro. A arte afro-diaspórica, assim compreendida, atua como dispositivo de recomposição temporal e existencial, reorganizando a experiência negra no mundo ao produzir imagens, narrativas e práticas que afirmam a continuidade da vida, da memória e da agência coletiva para além das grades ontológicas impostas pelo Ocidente.

Se a *Maafo* instaurou uma fratura na continuidade da experiência negra, a produção artística que busco desenvolver opera na **costura desses pedaços** através da reativação material dos saberes ancestrais. Assim, ao alinhar meu fazer a essa perspectiva, **Asili africano** é utilizado para fabular a permanência. Esse é o "caminho de volta" preconizado por Sankofa e Ubuntu: a arte como ferramenta pedagógica de retorno à nossa própria centralidade, onde o ato de criar deixa de ser uma resposta ao olhar do outro e passa a ser uma conversa contínua entre semelhantes, um exercício coletivo de soberania que, ao reconhecer a complexidade das Áfricas, tece o presente como um terreno fértil para a afirmação do porvir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU MERGULHO EM MUSONI

Esta dissertação foi construída a partir do enfrentamento de um problema que permeia minha formação, minha prática artística e o campo da arte no Brasil: a produção reiterada das pessoas negras como figura regulada por regimes coloniais de visibilidade, valor e legitimação, que antecede e condicionam sua presença enquanto artista, condicionando-nos a buscar nossa imagem em um espelho branco. A construção desse espelho foi identificada a partir das narrativas de humanidade e liberdade, do enquadramento do negro para servir ao ideias da nação brasileira e no projeto de embranquecimento e genocídio que pretendia nos apagar da sociedade.

Como resposta, nós, pessoas negras, utilizamos nossa agência e o resgate ancestral para nos reconstruir, sempre em uma negociação e na contradição, de sermos negros e buscar a nossa

(*utamaroho*) e as formas coletivas de comportamento. Trata-se do “gérmen” cultural que confere coerência interna às produções simbólicas, éticas, estéticas e políticas de um grupo, manifestando-se como fundamento invisível de suas concepções de mundo. No caso europeu, Ani identifica um Asili Ocidental marcado pela negação da espiritualidade, pela objetificação da natureza e do outro, pela dicotomização da realidade e pela centralidade do controle, da expansão e da dominação como valores estruturantes. Esse Asili sustenta um regime cognitivo e ético que legitima a hierarquização racial, o universalismo abstrato e a violência cultural e material como meios de autopreservação e afirmação civilizatória, constituindo a base ideológica da hegemonia europeia moderna (Ani, 1994)

humanidade em um sistema racista, colonial e patriarcal. A partir das análises da pesquisa, pude observar que a posição e a trajetória, sejam elas afrocentradas ou derivadas, de diferentes personagens da nossa história produziram respostas diversas para o objetivo de libertação e continuidade da nossa existência, honrando os que vieram antes e abrindo a trilha para os que virão depois. As tentativas de nos humanizar pela aculturação revelam que esse caminho tortuoso era marcado por danos impostos pelo Estado brasileiro e por barreiras que adoeciam. Essas experiências, quando apartadas da centralidade africana, também foram importantes, pois através delas aprendemos a forjar novos sentidos. E com formulações como a de Abdias Nascimento e Wilson Tibério, encontrei potencialidades na centralidade africana, que nos fornecendo imagens positivas de nós mesmos, e utilizando as linguagens da arte para produzir simbologias que nos fortaleceram, incluindo nesse rótulo as músicas, danças, festas, as rodas de samba, jongo e capoeira, religiões de matriz afro e também as artes visuais e o teatro. Por outro lado, essa resposta ao racismo e supervalorização de nossa ancestralidade produziu, também, uma África mística e idealizada, de que pegamos os fragmentos para criar um todo, inevitavelmente distorcido.

As conjunturas histórias nos empurraram para disputar a nação e a nacionalidade brasileira em busca de direitos básicos de sobrevivência, sempre na negociação, nos impuseram uma anistia à todas as barbáries, massacres e violências que a escravização e a colonização produziram, em troca, nos deixaram à própria sorte. A criação de nossas comunidades, o Ubuntu e a Sankofa, nos forneceram estratégias de sobrevivência, e a nossa luta organizada conseguiu vitórias e mudanças nas leis judiciais, campo que a ocidentalidade utiliza para regular a realidade e nos controlar. Porém, nem mesmo a conquista da lei e da palavra, conseguiu modificar as estruturas. E assim como no processo de abolição, o poder do pacto da branquitude continuou fazendo “leis para Inglês ver”, e nós continuamos sendo escravizados, torturados, encarcerados e mortos.

A história da categoria “arte afro-brasileira” como vimos, não é a história do artista negro, pois surge como uma observação colateral dessa vontade de branqueamento nacional, da nossa eliminação, a observação da produção negra queria provar que nosso intelecto era limitado, que nossa cultura era primitiva, e que somente a miscigenação e branqueamento poderia melhorar as futuras gerações. Depois, é disputada pelos políticos e intelectuais brancos, seja como passado romântico e estereotipado, em favor de uma mitologia de nação, seja como o problema principal a ser resolvido. E é pela nossa ginga que, artistas, curadores e intelectuais negros, conseguem resinificar o termo e aproveitar suas brechas para produzir vida e impedir

que o projeto de genocídio se concretizasse. Pela afrocentricidade, reencontrando nosso passado, é possível olhar para a arte e a produção criativa de diversas culturas negras, e a partir dela, produzir um espelho semelhante a nós mesmos para enfrentar os desencantos do presente com encantamentos de cura.

A pesquisa também apresenta como uma possibilidade, apostar em outra estratégia, no lugar de buscar uma brasilidade que depende da aceitação de todas as violações do passado, é urgente o foco em uma revolução verdadeira, e as fabulações de futuros pulsantes de vida e liberdade coletiva, pois não há como a favela vencer enquanto ela ainda existir. A imaginação e fabulação de futuros é fundamental nessa projeção de revolução, e o artista negro pode ser esse ativador de realidades possíveis, trazendo encantamentos e semeando sonhos.

Nesse projeto a responsabilidade e compromisso coletivo do homem negro se apresenta como essencial. Até aqui, sempre apoiado pelas mulheres negras (muitas vezes com sacrifícios e sofrendo violências), utilizamos a ginga para escapar da aniquilação estatal, sempre com um alvo em nossas costas, o ser homem negro no Brasil é uma corrida contra o tempo, vivemos com um sentimento de urgência e ansiedade que projeta em nosso corpo a ordem e a rigidez. Como resposta de agência e autodeterminação é o movimento desse corpo, a não submissão que nos fez sobreviver. Na minha produção artística, deixei esse corpo por muito tempo preso aos estereótipos e aos condicionamentos de violência e negação de amor e humanidade.

Ao longo da dissertação, através da minha produção e de outros artistas pude refletir sobre a masculinidade negra e o corpo como expressão desse ser-sendo, o ubuntu. Compreendendo a dupla captura: de um lado, a busca por se encaixar no modelo de homem branco universal; de outro, aceitar seu lugar estereotipado de corpo força, corpo trabalho, corpo ameaça, corpo sexual. Ao deslocar o eixo da masculinidade performática, observando as formas de humanização fora dos valores ocidentais, encontrei no cuidado e na responsabilidade comunitária caminhos de cura e produção de um espelho negro, uma reconciliação com as nuances que negam a binaridade ocidental.

Reconheço, entretanto, os limites do recorte adotado, partindo da minha trajetória autoral, enquanto homem hetero cis, com vivências relacionadas ao Sudeste do Brasil e a determinados diálogos artísticos, o que implica a não abrangência de outras linguagens, territórios e experiências afro-diaspóricas. Estar em São Paulo, uma cidade em que o poder econômico e ideológico da arte se concentra, possibilitou-me assistir, da periferia, às mudanças de discurso e à crescente inserção de artistas negros no sistema de arte. O Museu Afro Brasil aparece como instituição principal para esse movimento acontecer, e a figura de Emanuel

Araújo, com todos os seus defeitos e contradições, navegou nesse sistema, conseguindo vitórias importantes, dando sonhos, referências e deixando um assentamento poderoso, que devemos lutar para manter coletivamente. Pois nada está garantido, e batalhas mais difíceis estão por vir.

Permanecem abertas, também, as tensões entre práticas artísticas orientadas por epistemologias africanas e os dispositivos de captura do sistema da arte, cujas disputas econômicas, curatoriais e narrativas extrapolam o alcance desta investigação.

Porém, através das análises do ser artista negro no contexto brasileiro, concluo que mesmo não sendo possível uma busca de liberdade criativa, já que ela é uma invenção, o mais importante está na base ontológica e objetivo a ser atingido com nossa produção. A ideia de atingir uma liberdade através da produção de uma arte que não parte da racialidade, gênero e classe social é uma ilusão de humanização pelos parâmetros de supremacia ocidental, baseada no patriarcado, capitalismo e uma produção histórica da genialidade, reservada ao homem branco idealizado por esse sistema. Mesmo que um artista negro atinja esse local, ele ainda está escravizado por uma estrutura que a todo momento dirá que sua cor de pele e origens são insuficientes. Por outro lado, uma criação artística afrocentrada, consciente desse sistema e como objetivo de nos humanizar pelos olhos dos nossos iguais, substitui a abstração de liberdade artística por um propósito concreto de resgate de memória, luta pela vida e equilíbrio. Essas bases nos permitem produzir qualquer tipo de arte, seja abstrata, figurativa, com materiais nobres ou recicláveis, com tinta óleo europeia ou tintas naturais feitas em nossos quintais. Uma arte da afro-diáspora nos permite negar a premissa implícita de que é preciso que nos tornemos brancos para sermos considerados humanos.

“por muito tempo o barro me assombrou, das águas lodosas que um passado enterrou; foi voinha que me disse, pra não ter medo da memória, nem dos que se foram, pra temer os vivos, que esses sim atordoam; em cada esquina que parei, alguém me cantou conselhos em versos, indicando o caminho, no mistério de rimas e encantos; hoje o barro me constrói, me fertiliza os sonhos, as vontades de criar e abraçar futuros; vejo as estrelas no céu, e nas águas da Kalunga, espero brilhar em tukula, a luz ardente do sol que meu ori espera”

REFERÊNCIAS

ABREU, Mariana Sales de. *Pretuguês, interseccionalidade e agência político-cultural das mulheres negras no Brasil*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 33, n. 2, e105667, 2025.

ADINKRA SYMBOLS. *Adinkra Symbols: African Symbols and Meanings*. 2025. Disponível em: <https://www.adinkrasymbols.org>. Acesso em: 22 mar. 2025.

ALEXANDRIAN, Sarane. *O surrealismo*. São Paulo: Editora Verbo, 1973.

AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. Studio Nobel / Itaú Cultural, 3ª ed. 2003

AMANCIO, Kleber Antonio de Oliveira. *Reflexões sobre a pintura de Arthur Timotheo da Costa*. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

AMOEDO, Rodolfo. Retrato de João Timótheo da Costa. 1908. Óleo sobre madeira, 49,5 × 29,7 cm. Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro, 2026.

A NOVA MÃO Afro-Brasileira: cartaz de divulgação contendo a programação de abertura da exposição. 2013. 1 cartaz publicitário. Acervo Biblioteca Carolina Maria de Jesus do Museu de Arte da Bahia (MAB), Salvador, 2025.

ARAÚJO, Emanuel. A nova mão afro-brasileira. In: *A Nova Mão Afro-Brasileira*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013. p. 14–21.

ARAÚJO, Emanuel (org.). *Negro de corpo e alma*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

ARAÚJO, Emanuel (org.). *João e Arthur Timótheo da Costa: os dois irmãos pré-modernistas brasileiros*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013b. 224 p.: il.

ARAÚJO, Emanuel (org.). *A Mão Afro-brasileira: Significado da Contribuição Artística e Histórica* (catálogo de exposição). São Paulo: Tenege, 1988

ARAÚJO, Emanuel (org.). *A Mão Afro-brasileira: Significado da Contribuição Artística e Histórica* (catálogo de exposição). 2.ed. revista e ampliada – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010. 2v.

ARAÚJO, Octávio. Desvario de um iconoclasta. 1974. 1 pintura, óleo sobre tela, 41 x 33 cm. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/87731-desvario-de-um-iconoclasta>. Acesso em: 23 jun. 2026.

ARAÚJO, Otávio. Iemanjá, Rainha do Mar. 1972. 1 gravura, litografia, ácido e lápis sobre papel, 50 × 65 cm. Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, São Paulo. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/acervo/iemanja-rainha-do-mar/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (ed.). *Encyclopedia of African Religion*. Thousand Oaks: SAGE, 2009a

ASANTE, Molefi Kete; MAZAMA, Ama (ed.). *Encyclopedia of Black Studies*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

ASANTE, Molefi Kete. *The History of Africa: The Quest for Eternal Harmony*. 3. ed. New York: Routledge, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009b. p. 93-110.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity: The Theory of Social Change*. Trenton: Africa World Press, 1980.

ASANTE, Molefi Kete. *The Afrocentric Idea*. Philadelphia: Temple University Press, 1998.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Brasília: Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, v. 4, n. 8, p. 50–72, jul./dez. 2011.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

BARRETO, Lima. *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. Prefácio de Alfredo Bosi. Organização e notas de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARROS, Janaína. Entrevista concedida ao *O Menelick 2º Ato* sobre o trabalho exposto na mostra *Afro como Ascendência. Arte como Procedência*. Sesc Pinheiros, 2013. Vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/Yn4DcoUFc0k>. Acesso em: 13 jan. 2026.

BASSO, Gustavo. Como vivem os últimos indígenas de São Paulo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 18 abr. 2024. Reportagem reproduzida da *Deutsche Welle*. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/638586-como-vivem-os-ultimos-indigenas-de-sao-paulo>. Acesso em: 7 fev. 2026.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 36. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *O vazio na obra de Rosana Paulino*. In: NERY, Pedro; PICCOLI, Valéria (org.). *Rosana Paulino: a costura da memória*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. p. 149–159.

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. Tradução do Grupo Solidário São Domingos. Apresentação da edição brasileira: Benedita da Silva. São Paulo: Ática, 1990.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCTI, 2015.

BRASIL. *Código Penal dos Estados Unidos do Brasil*. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Número de pessoas em situação de rua ultrapassa 335 mil no Brasil. *Agência Brasil*, Brasília, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-04/mais-de-335-mil-pessoas-vivem-em-situacao-de-rua-no-brasil>. Acesso em: 13 fev. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas (SmartLab): dados sobre trabalho escravo no Brasil. Brasília, 2024. Disponível em: <https://smartlabbr.org/trabalhoescravo>. Acesso em: 13 fev. 2026.

BROCOS, Modesto. A redenção de Cam. 1895. Óleo sobre tela, 199 × 166 cm. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/83833-a-redencao-de-cam>. Acesso em: 22 jun. 2026.

BOMBARDI, Alice; PEREIRA, Priscila Leonel de Medeiros. CONSTRUÇÃO DE FORNOS TRADICIONAIS A LENHA COMO FORMA DE ALIMENTAR A CHAMA DA VIDA.. In: Anais do 33º Encontro Nacional da ANPAP - Vidas. Anais...João Pessoa(PB) UFPB, 2024.

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 219–252.

CASA VOGUE. Quadro de Basquiat é vendido por R\$ 485 milhões em leilão. *Casa Vogue*, 12 maio 2021. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2021/05/quadro-de-basquiat-e-vendido-por-r485-mil-em-leilao.html>. Acesso em: 17 abr. 2025.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. *Catálogo exposição Jean-Michel Basquiat: Obras da coleção Mugrabi*. São Paulo: Art Unlimited, 2018.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade. São Paulo: CCSP, s.d. Disponível em: <https://acervocsp.art.br/missao-de-pesquisas-folcloricas-de-mario-de-andrade/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

CLARKE, Duncan. *African art*. Londres: Bison Books, 1995.

CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

COSTA, Artur Timóteo da. Lúcio. 1906. Óleo sobre tela, 47 × 58 cm. Museu Afro Brasil Emanuel Araujo. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/acervo/lucio/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

COSTA, João Timóteo da. Sem título. 1927. Óleo sobre tela, 74,6 × 63 × 7 cm. Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, 2026. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

COSTA, Arthur Timóteo da. Autorretrato. 1919. Óleo sobre tela, 86 × 79 cm. Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro, 2026. Disponível em:

https://artsandculture.google.com/asset/autorretrato-artur-tim%C3%B3teo-da-costa/uwHGVC_OMDjwCA. Acesso em: 22 jun. 2026.

COSTA, Warley da. *As Imagens da Escravidão nos livros de História do Ensino Fundamental: Representações e identidades*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2006.

CORRÊA, Renato Pereira. *História e memória do terreiro Axé Ilê Obá*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

COVA, Tatiane. Estevão Roberto da Silva, um artista afro-brasileiro? *Biblioteca Nacional Digital*, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/artes-estevao-roberto-da-silva-um-artista-afro-brasileiro/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

CUBO PRETO. Postagem na rede social sobre a exposição . Facebook, 2013. Disponível em: . Acesso em: 23 jun. 2026.

CUNHA JR., Henrique. Ntu: Introdução ao pensamento filosófico Bantu. *Educação em Debate*, Fortaleza, v. 32, n. 59, p. 25-40, 2010.

CUNHA, Isabel Mendes da. Sem título. 2009. Cerâmica policromada, 82 x 33 x 23 cm. Foto: João Liberato. Projeto Afro, 2021. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/isabel-mendes-da-cunha/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

DALGLISH, Lalada. *Noivas da Seca Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial, 2006 .

DARDASHTI, Abigail Lapin. Expondo Arte Afro-Brasileira no exterior: Mestre Didi e o enraizamento internacional da Negritude no Brasil. *3rd Text Africa*, n. 13, p. 105-122, jan. 2023.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Negros estão entre os trabalhadores com menores rendimentos no Brasil. *Boletim Especial – Consciência Negra*. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/conscienciaNegra.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

DIOP, Cheikh Anta, *A unidade Cultural da África Negra*. São Paulo, SP. Editora Ananse, 2023

DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or barbarism: an authentic anthropology*. Tradução de Yaa-Lengi Meema Ngemi. Edição de Harold J. Salemson e Marjolijn de Jager. Brooklyn: Lawrence Hill Books, 1991

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Publicado na revista *Tempo*, n. 23 (2007).

DOSSIN, Francielly Rocha. *Wilson Tibério (1916–2005): primeiras notas biográficas sobre “o negro mago do pincel”*. In: 24º Encontro da ANPAP – Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões. Santa Maria, RS, 22–26 set. 2015. Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte.

DUQUE, Gonzaga. *A arte brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1888.

DU BOIS, W. E. B. *The souls of Black folk*. Chicago: A. C. McClurg & Co., 1903.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. *Os Nagô e a Morte: Pàdé, Àsèsè e o Culto Égun*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ENCANTO: arte vivência da afro-diáspora. Curadoria de Diogo Nogue. São Paulo: Nogue Art, 2023. Vários artistas. ISBN 978-65-995648-2-6.

ENCONTRO com os artistas participantes da exposição “A nova mão afro-brasileira”. 2013. 1 fotografia. Acervo Biblioteca Carolina Maria de Jesus – Museu Afro Brasil, São Paulo, 2025.

EXAME. Basquiat: o artista mais reconhecido nas ruas do que nos museus. *Exame*, 26 jul. 2017. Disponível em: <https://exame.com/casual/basquiat-o-artista-mais-reconhecido-nas-ruas-do-que-nos-museus/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FRANÇA, Cristina Pierre de. *A pintura de Estevão Silva e sua relação com a brasilidade*. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 3., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: IFCH/UNICAMP, 2007. p. 241–249.

FERREIRA, Abilio (org.). *Tebas: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata*. São Paulo: Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo (IABsp), 2018.

FERNANDES, André Aureliano; ALMEIDA, Renato. *Fazer faz corpo*. São Paulo: Coletivo Borde; Galeria Quarta Parede, 2024. Catálogo de exposição.

FROTA, Lélia Coelho. Cultura material e artes populares no Brasil. In: Emanuel Araujo (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.

FU-KIAU, Bunseki. *O livro africano sem título: Cosmologia dos Bantu-kongo*. 1. ed. Tradução de Tiganá Santana. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

GAZETA DA NOITE. Rio de Janeiro, ano I, n. 240, 10 dez. 1879. Matéria referente ao exame e à controvérsia envolvendo Estevão Roberto da Silva na Academia Imperial de Belas Artes, 3. col. Reprodução fac-similar. Hemeroteca Digital Brasileira, Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/710725/89>. Acesso em: 22 jun. 2026.

G1. Desembargador é suspeito de manter mulher surda, que nunca aprendeu Libras, em trabalho análogo à escravidão por 37 anos. *Fantástico*, 11 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/06/11/desembargador-e-suspeito-de-manter-mulher-surda-que-nunca-aprendeu-libras-em-trabalho-analogo-a-escravidao-por-37-anos.ghtml>. Acesso em: 21 fev. 2026. GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. *Viver de arte entre Brasil e Europa: o esquema Pedro Américo*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 34, n. 100, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOMES, Sônia. Ato. Da série Torções. 2013. 1 fotografia de Moisés Patrício retratando a artista e sua obra. Acervo Moisés Patrício, 2013.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

HEINICH, Nathalie. As reconfigurações do Estatuto de Artistas na Época Moderna e Contemporânea. em: Porto Alegre: Revista de artes visuais. Vol.13, n.22 (maio 2005); p.137-147

HEYMÈS, Christian-Jack. *Fetiches: Diário de uma coleção de arte tribal*. [S.l.]: Ed. do autor, 2019.

HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOUNTONDJI, Paulin J. *African philosophy: myth and reality*. 2. ed. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1996.

IHU ON-LINE. *Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”*. Revista IHU On-Line, edição 353, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 6 dez. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022: características gerais da população indígena*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 8,6 milhões de pessoas saíram da pobreza entre 2023 e 2024. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45344-8-6-milhoes-de-pessoas-sairam-da-pobreza-entre-2023-e-2024>. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Segurança alimentar nos domicílios brasileiros volta a crescer em 2023. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39838-seguranca-alimentar-nos-domicilios-brasileiros-volta-a-crescer-em-2023>. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Atlas da Violência 2025*. Brasília; São Paulo: Ipea; FBSP, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. *Histórias mestiças*. Curadoria: Adriano Pedrosa; Lília Schwarcz. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/historias-mesticas/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

INVASÃO de faculdade termina com sete presos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jun. 2008. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1306200820.htm>. Acesso em: 5 jan. 2026.

JESUS, Francisca Mesquita. A regulação dos corpos: a institucionalização no âmbito manicomial da pretitude no Brasil. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 10, n. 1, art. 2446, jan./jun. 2024. e-ISSN 2525-7870.

JORNAL DE BRASÍLIA. Entenda por que artista negro ataca Inhotim e quer o seu trabalho fora do museu. *Jornal de Brasília*, Brasília, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/noticias/brasil/entenda-por-que-artista-negro-ataca-inhotim-e-quer-o-seu-trabalho-fora-do-museu/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2016.

KING JR., Martin Luther. *The Case Against "Tokenism"*. New York Times Magazine, New York, 5 ago. 1962.

KIPLING, Rudyard. *The White Man's Burden*. New York: Doubleday & McClure Co., 1899.

KOOLHAAS, Rem. *Junkspace*. *October*, v. 100, p. 175-190, 2001.

LACERDA, João Baptista de. *Relatório: Congresso Universal das Raças em Londres (1911)*. Rio de Janeiro: Papeleria Macedo, 1912.

LAFONT, Anne. *A arte dos mundos negros: história, teoria, crítica*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

LAGAMMA, Alisa. *Art and oracle: African art and rituals of divination*. Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 2000.

LIMA, Camila da Costa. *O objeto cerâmico como elemento da cultura: um estudo a partir da Coleção Lalada Dalglish*. 2016. 602 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Octávio Araújo: 10 anos de pintura*. São Paulo, 1979.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Pintores negros do oitocentos*. São Paulo, 1940.

LEONEL, Priscila. *Museu dos afetos: uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade*. 2021. 361 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021. Orientadora: Prof.^a Dra. Geralda Mendes Ferreira da Silva Dalglish.

LEONEL, Priscila; SIMÃO, Nina. Cosmopolíticas do Amò: arte, tierra y ecologías insurgentes. *De Res Architettura*, v. 10, p. 58–64, dez. 2025.

LEONEL, Priscila. O corpo fora do corpo. In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. *Barro*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2024. p. 55-59. (Caderno-ensaio, 1).

LOPES, Nei. *Novo dicionário Bantu do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LOPES, Nei. *Bantos, Malês e Identidade Negra*. 4.ed 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

MACAMO, Elísio. E se a África não existisse? Octavio Ianni, globalismo e a natureza recalcitrante do objecto das ciências sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 103, p. 87–102, 2014.

MACHIN, Rosana; MOTA, André. Entre o particular e o geral: a constituição de uma “loucura negra” no Hospício de Juquery em São Paulo, Brasil – 1898-1920. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 23, e180314, 2019. DOI: 10.1590/Interface.180314.

MACHADO, André. *Faz sentido falar em “Pretuguês”? Os fatos, as interpretações e a ressignificação do conceito*. YouTube, canal Língua e Linguística, 7 fev. 2026. Disponível em: <https://youtu.be/olV9KFvHg14>. Acesso em: 12 mar. 2026.

MAGLIANI, Maria Lúcia. Rede TVT. Exposição reforça importância de museu dedicado à memória negra - Frame Sobre Maria Lúcia Magliani, 25 de nov. de 2013

MÃOS: 35 anos da Mão Afro-Brasileira. Organização: Museu de Arte Moderna de São Paulo; coordenação editorial: Renato Schreiner Salem; curadoria: Claudinei Roberto da Silva. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2023. ISBN 978-65-84721-11-1.

MARTINS, Leda M. *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAZAMA, Ama. *A Afrocentricidade Como um Novo Paradigma*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009b.

MAZAMA, Ama. *The Afrocentric Paradigm*. Trenton: Africa World Press, 2003.

MAZRUI, Ali A. *On the Concept of “We Are All Africans”*. *The American Political Science Review*, v. 57, n. 1, p. 88–97, mar. 1963.

MENEZES NETO, Hélio Santos. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07082018-164253/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, D. Scot. Call it Afro-Surreal. *San Francisco Bay Guardian*, San Francisco, 19 maio 2009. Disponível em: <https://sfbgarchive.48hills.org/sfbgarchive/2009/05/19/call-it-afro-surreal/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, co-edição com Anita Garibaldi, 2014.

MOURA, Clóvis. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*. São Paulo: Expressão Popular, 1981.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1983.

MUNANGA, Kabengele. *Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos*. *Revista USP*, n. 68, p. 46-57, 2005.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é, afinal?" In: AGUILAR, Nelson (org.). *Mostra do redescobrimento: Arte afro-brasileira*. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

MUSEU AFRO BRASIL EMANOEL ARAUJO. Biblioteca Carolina Maria de Jesus. Acervo institucional. São Paulo, 2025.

MUNIZ, Lippe. Herança - Projeto Diáspora 1, 2 e 3. 2013. 3 gravuras, fotogravura e pochoir, 54 x 39 cm. In: ARAUJO, Emanuel (org.). *A nova mão afro-brasileira*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2014. p. 115

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira*. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197–218. (Coleção Sankofa, v. 4). Texto apresentado originalmente no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, Panamá, 1980; versão reduzida do ensaio publicado em *O Quilombismo*.

NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-brasileira: um espírito libertador. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias afro-atlânticas: antologia*. Ed. rev. São Paulo: MASP, 2022. p. 44-53.

NASCIMENTO, Abdias. Carta aberta ao Primeiro Festival Mundial das Artes Negras: Dacar, Senegal, 1966. In: Carta a Dakar - Abdias Nascimento. p. 1-10. [Publicada originalmente em *Tempo Brasileiro*, v. 4, n. 9/10, 1966].

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. *Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*. Organização de Alex Ratts. Posfácio de Muniz Sodré. Texto de Bethania Nascimento Freitas Gomes. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 240 p.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Organização de Alex Ratts. São Paulo: Zahar, 2021.

NERY, Pedro; PICCOLI, Valéria (org.). *Rosana Paulino: a costura da memória*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora / Publication Studio São Paulo, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NÓGUE, Diogo. *Retratos Apagados - Coletânea de Contos, Crônicas e Poemas*. São Paulo : Nogue Edições, 2021.

NÓGUE, Diogo. Ela tinha sonhos, mas quem vive deles? Série De onde os medos crescem. 2009. 1 pintura, técnica mista sobre algodão preparado, 150 x 100 cm. Registro fotográfico do autor, 2016.

NÓGUE, Diogo. Eu sou o que fizeram de mim? 2013-2020. 1 desenho, nanquim e marcador sobre papel, 70 × 70 cm. Registro fotográfico do autor, 2026.

NÓGUE, Diogo. Sonhei Sônia Livre. 2025. 1 fotoperformance, montagem digital, 100 x 150 cm. Exposição Indícios de Passagem, Museu de Arte de Joinville, Joinville, SC. Fotografia de Jan M.O.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

NÓS, Mulheres da Periferia. Sônia Livre: campanha pede liberdade de mulher negra vítima de trabalho escravo. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/sonia-livre-campanha-pede-liberdade-de-mulher-negra-vitima-de-trabalho-escravo/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

OLIVEIRA, Lorena D'Arc Menezes de. *A poética do pote*. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Norma Tenenholz Grinberg.

ONZE lições. Organização de Helena Escobar da Silva Freddi. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2010. 36 p. ISBN 978-85-87985-40-8.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OYĖWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (org.). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002. p. 391-415.

O GLOBO. Maxwell Alexandre pede que sua obra seja retirada de mostra em Inhotim, e museu rebate. *O Globo*, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/11/maxwell-alexandre-pede-que-sua-obra-seja-retirada-de-mostra-em-inhotim-e-museu-rebate.ghtml>. Acesso em: 21 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL WALK FREE. *Global Slavery Index 2023: Brazil country study*. Perth: Walk Free Foundation, 2023. Disponível em: <https://cdn.walkfree.org/content/uploads/2023/05/17114737/Global-Slavery-Index-2023.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2026.

PAULA, Dalton. Chico Rei. 2020. 1 pintura, óleo e folha de ouro sobre tela, 61 × 45 cm. Disponível em: <https://daltonpaula.com/portfolio/retratos/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

PAULINO, Rosana. *Imagens de Sombras*. São Paulo: R. Paulino, 2011. 98 p.: il. – Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Evandro Carlos Frasca Poyares Jardim.

PAULINO, Rosana. Assentamento. 2013. Técnica mista, 180 × 68 cm. Centro Cultural Caixa Cultural São Paulo. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5>. Acesso em: 22 jun. 2026

PAULINO, Rosana. Catálogo Rosana Paulino. São Paulo: Mendes Wood DM, 2024.

PAULINO, Rosana. Gargalheira T2 #11 – Rosana Paulino. Entrevista concedida a Kleber Amâncio e Matheus Gato. *Gargalheira Podcast*, Brasil, fev. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4g3Yb5rxE3pQFTOpEFFbO9>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PAULINO, Rosana. Caranguejo. Da série Manguê. 2023. 1 pintura, grafite, acrílica e pigmento natural sobre tela, 267 × 559 cm. Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/blank-5?pgid=ltqjsn0f-dafe8246-7eff-4e98-a559-1aab9d10f064>. Acesso em: 23 jun. 2026.

PAULO, Paula Paiva. Justiça absolve PM que matou Douglas, da frase "por que o senhor atirou em mim?". *G1 São Paulo*, São Paulo, 6 dez. 2016. Disponível em: [G1 São Paulo](#). Acesso em: 1 jun. 2025.

PATRÍCIO, Moisés. Sônia Gomes. Ato, Série Torções, e a artista em frente a sua obra. 2013. 1 fotografia. Arquivo do autor.

PATRICIO, Caroline Schmidt. *Projeto Dicionário das Deusas Mesopotâmicas: da Mitologia do Antigo Oriente Médio à formulação de material para educação*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Orientadora: Prof^a Dr^a Katia Maria Paim Pozzer.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *O mundo negro: a construção do movimento contemporâneo no Brasil (1970-1995)*. 268 p. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Amilcar Araujo. *Sidney Amaral: manifesto de Cognição y memória*. Organizado por Almeida & Dale Galeria de Arte; HOA Galeria. São Paulo: Almeida & Dale Galeria de Arte, 2022.

PICTURA CONTEMPORÂNEA. *À beira da metamorfose; Gráfica expandida*. Organização: Daniel Boanerges Rodrigues et al. Coordenação: José Paiani Spaniol. São Paulo: Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2024. v. 1.

PESSÔA, Alexandre Neiva. *Estevão Silva e a pintura de naturezas mortas no Brasil do século XIX*. 2002. 142 f. Dissertação (Mestrado em História e Teoria da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PIXO. Direção: João Wainer; Roberto T. Oliveira. Produção: Olé Produções. São Paulo, 2009. Documentário (61 min). Disponível em: <https://youtu.be/skGyFowTzew>. Acesso em: 5 jan. 2026.

PONTO VIRGULINA. *Ponto Virgulina #1: Afrofuturismo*. São Paulo: Ponto Virgulina, 2020. Edição digital. Disponível em: <https://pontovirgulina.com/revista/1-afrofuturismo>. Acesso em: 12 nov. 2025.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUERINO, Manoel. *Artistas baianos*. Salvador: Livraria Progresso, 1911.

PROJETO AFRO. *Isabel Mendes da Cunha*. [S. l.], 13 jul. 2021. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/isabel-mendes-da-cunha/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

QUERINO, Manoel. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: *Filosofia e Pensamento Crítico na América Latina*. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *Patologia social do branco brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RAMOSE, Mogobe B. *A ética do ubuntu*. Tradução de Éder Carvalho Wen para uso didático. Texto baseado em: RAMOSE, Mogobe B. "The ethics of ubuntu". In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (eds.). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

RIBEIRO, Luciara. Desconstruir a hegemonia branca nas artes brasileiras é uma ação efetiva de mudança. *Arte!Brasileiros*, São Paulo, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/desconstruir-a-hegemonia-branca-nas-artes-brasileiras-e-uma-acao-efetiva-de-mudanca/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

ROSENTHAL, Dália. Joseph Beuys: o elemento material como agente social. *ARS*, São Paulo, v. 8, n. 18, p. 111-133, 2002.

ROY, Christopher D. 1975. *West African Pottery Forming and Firing Techniques*. MA thesis. Indiana University.

ROY, Christopher. *African Pottery Forming and Firing*. YouTube, publicado há 12 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=52HKSwkI1hs>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem, cognição e semiótica*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàdé, àsèsè e o culto égún na Bahia*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. *A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas*. 2016. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016. Orientador: Prof. Titular Percival Tirapeli.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SASSE, Carolina Müller. *Arte e trabalho na cerâmica do Vale do Jequitinhonha*. 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SESC SÃO PAULO. Várias faces da África. *Portal Sesc São Paulo*, São Paulo, 2014. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/7336_VARIAS+FACES+DA+AFRICA. Acesso em: 13 jan. 2026.

SCHOLL, Camille Johann. *Léopold Sédar Senghor em perspectiva: entre a ideia de descolonização e os partidos políticos, entre a negritude e a mestiçagem (1945-1960)*. *Revista Vernáculo*, Fortaleza, n. 47, p. 52-63, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistavernaculo.ufc.br>. Acesso em: 23/02/2025.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Claudinei Roberto da. *Insurgência, urgência e afirmação na obra de Sidney Amaral*. São Paulo: MASP, 2018. Palestra registrada em vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/0aqRCaHivVQ>. Acesso em: 11 jan. 2026.

SILVA, Claudinei Roberto da. Mãe e Filho e Irmãos e Lili. 2013. 1 pintura, óleo sobre tela, 160 x 160 cm. In: ARAUJO, Emanuel (org.). *A nova mão afro-brasileira*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2014. p. 143

SILVA, Diogo Nogueira. *Imagens Vestígio: a relação do texto e registro de imagens com a memória na pintura*. Orientador Dercy Pereira. 2009. 65 p. Monografia de Conclusão de graduação - Centro Universitário Belas artes de São Paulo, 2009.

SILVA, Estêvão Roberto da. Natureza-morta. Óleo sobre tela, 50 × 62 cm. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/113279-natureza-morta> Acesso em: 22 jun. 2026

SILVA, Estêvão. *Menino com melancia*. 1889. Óleo sobre tela, 53,5 × 71 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Google Arts & Culture. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/menino-com-melancia-est%C3%AAv%C3%A3o-silva/LgEFjW6_NyKqmg. Acesso em: 22 jun. 2026.

SILVA, Matheus Rodrigues da. Qual a cor da loucura? Primeiros percursos historiográficos acerca das expectativas sociais da população negra no Hospício de Pedro II (1860–1870). 2019. 40 f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Renato Araújo da. *África em artes*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

SIMÕES, Igor Moraes. *Montagem fílmica e exposição: vozes negras no cubo branco da arte brasileira*. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOARES, Arlete. Retrato de Mestre Didi. 2007. 1 fotografia. Divulgação/El Museo del Barrio. In: EXPOSIÇÃO em Nova York reverencia escultor baiano Mestre Didi. O Globo, Rio de Janeiro, 17 abr. 2025. Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2025/04/17/exposicao-em-nova-york-reverencia-escultor-baiano-mestre-didi.ghhtml>. Acesso em: 22 jun. 2026.

SOBRAL, Heberth. Manifestação 1. 2013. 1 fotografia, ampliação fotográfica, 63,5 x 93,5 cm. In: ARAUJO, Emanuel (org.). *A nova mão afro-brasileira*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2014. p. 147

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da história universal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

SUZUKI, Clarissa Lopes. *Outras memórias, outras histórias: contra colonialidade e o saber como construção coletiva e emancipatória na educação antirracista das artes*. 2022. 327 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

TEIXEIRA, Alessandra; SALLA, Fernando Afonso; MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha. *Vadiagem e prisões correcionais em São Paulo: mecanismos de controle no firmamento da República*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 58, p. 381-400, maio/ago. 2016.

TERREIRO DE GRIÔS. *Cosmopercepção Afrika Bakongo*. s.d. Disponível em: <https://terreirodegriôs.wordpress.com/cosmopercepcao-afrika-bakongo/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

TIBÉRIO, Wilson. Sem título. 1943. Óleo sobre tela, 96 × 79 × 4,5 cm. Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, São Paulo. Disponível em: <https://museuafrobrasil.org.br/acervo/sem-titulo-91/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

THE INTERCEPT BRASIL. Os crimes de Bernardo Paz, o homem por trás do Inhotim. *The Intercept Brasil*, 8 jun. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/06/08/crimes-bernardo-paz-do-inhotim/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the spirit: arte e filosofia africana e afro-americana*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.

UNESCO. Comitê Científico Internacional para a Redação da História Geral da África. História geral da África. v. 1: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. ISBN 978-85-7652-123-5

UNESCO. Comitê Científico Internacional para a Redação da História Geral da África. História geral da África. v. 6: África do século XIX à década de 1880. Editado por J. F. Ade Ajayi. Brasília: UNESCO, 2010. 1032 p. ISBN 978-85-7652-128-0

UNESCO. Comitê Científico Internacional para a Redação da História Geral da África. História geral da África. v. 8: África desde 1935. Editado por Ali A. Mazrui; Christophe Wondji. Brasília: UNESCO, 2010. 1272 p. ISBN 978-85-7652-130-3.

UNESCO. História geral da África. v. 10: *África e sua diáspora*. Ed. científica: Vanicléia Silva Santos. Brasília: UNESCO; Representação da UNESCO no Brasil, 2023. ISBN 978-65-86603-32-3.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). *Arte popular em destaque: acervo da professora Lalada Dalglish, do Instituto de Artes da Unesp, será base do primeiro museu de cerâmica da capital paulista*. São Paulo: UNESP, 2025. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/proex/noticias/v/id::41682/arte-popular-em-destaque-acervo-da-professora-lalada-dalglish-do-instituto-de-artes-da-unesp-sera-base-do-primeiro-museu-de-ceramica-da-capital-paulista>. Acesso em: 13 mar. 2026.

VAREJÃO, Adriana. *Linda do Rosário*. 2004. Óleo sobre alumínio e poliuretano, 195 × 800 × 25 cm. Fotografia de Eduardo Eckenfels. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/celacanto-provoca-maremoto/>. Acesso em: 22 mar. 2025.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2018.

VIANA, Janaina Barros Silva. Uma Possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2008.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. *Exu, Ikin e Egan: equivalências universais no bosque das identidades afrodescendentes nagô e lucumi – estudo comparativo da religião tradicional iorubá no Brasil e em Cuba*. Dissertação (Mestrado). PROLAM/USP, 2000.

WIELER, Cristiane Maass; LEMOS JUNIOR, Wilson. *A Academia Imperial de Belas Artes: as artes na história da educação profissional (1826–1880)*. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 23, e13517, 2023.

WILLETT, Frank. *Arte africana*. São Paulo: Edições Sesc, 2017

WYNTER, Sylvia. *Unsettling the coloniality of being/power/truth/freedom: towards the human, after man, its overrepresentation—an argument*. CR: The New Centennial Review, East Lansing, v. 3, n. 3, p. 257–337, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/ncr.2004.0015>. Acesso em: 1 abr. 2026.

WYNTER, Sylvia. *On being human as praxis*. Organização de Katherine McKittrick. Durham; London: Duke University Press, 2015.